



**AO LONGO DA HISTÓRIA** do nosso idioma deu-se um acomodamento às criações castelhanas. Vivemos na leviana convicção duma identidade a toda a prova, tipo «não há mal que nos chegue», e isso inspira-nos essa permissividade eufórica.

TEXTO DE FERNANDO VENÂNCIO

**A** palavra «involucrar» é portuguesa? Não é. Os dicionários ignoram-na unanimemente, as bases de dados não a registam. E, no entanto, nada impediria que fosse. Temos «invólucro», era só questão de arranjar-lhe um verbo. Em espanhol, pelo contrário, *involucrar* é um termo comum. Quando nós dizemos que alguém se envolveu numa situação, numa causa, ou está envolvido com outra pessoa, um espanhol dirá que *se involucró*, que «está involucrado».

Palavras com esta frequência e esta utilidade, sobretudo se forem achadas 'expressivas', serão uma tentação contínua para o falante de dois idiomas muito próximos. Se não se precata, cedo ou tarde acabará por utilizá-las na língua indevida. Entre portugueses utentes de francês, o fenómeno é corriqueiro, e poderíamos chamar-lhe o 'efeito vacanças'. Com o espanhol, essa transferência é mais tentadora ainda, já que as formas são, muitas vezes, imediatamente utilizáveis. Foi o que sucedeu, um dia, a Luís Figo.

Em inícios de 2010, o ex-futebolista viu-se enredado numa manobra eleitoral de certo Governo português em apuros. A TSF guardou registo de uma entrevista à comunicação social, de 18 de fevereiro desse ano, em que Figo informava ter entregado queixa às instâncias judiciais, dizendo haver agido, na ocorrência, «como cidadão público», sem qualquer tipo de contrapartidas. Inquirido por uma jornalista sobre 'o que sentia', respondeu: «Para mim, neste momento, um pouco de revolta pela situação em que me vejo involucrado. Mas só posso afirmar que são notícias falsas.»

O nosso excelente central jogara em Barcelona durante cinco épocas, seguidas de outras cinco em Madrid. E é conhecida a celeridade com que jogadores e técnicos portugueses conseguem um bom domínio do espanhol. No Real Madrid, também Cristiano Ronaldo e José Mourinho falaram publicamente, desde o primeiro momento, o idioma do Estado. Simples boa educação? Sentido das relações públicas? «*Dios debe creer que soy un tío cojonudo*», confiou 'Mou' a uma rádio. Coisa como «Deus deve achar que sou um tipo bestial». Em gritante contraste, está o nenhum esforço de treinadores e jogadores de língua espanhola em equipas portuguesas por se exprimirem na nossa língua. Prolongam com isso, de resto, uma tradição memorável. Nos nossos séculos XVI e XVII, padres espanhóis pregavam em espanhol, professores espanhóis era nele que ensinavam, e de igual modo procediam confessores e governantes. De Catarina de Áustria,

a castelhana politicamente interventora que reinou em Lisboa durante 53 anos, sabe-se que nunca falou português e jamais escreveu uma palavra no nosso idioma. Os seus súbditos interiorizaram, sem brados d'alma, a pouco subtil mensagem.

O percalço linguístico de Luís Figo suscitou algumas, poucas, contestações. Na edição *online* do *Jornal de Negócios*, um leitor acusava o toque, perguntando se «involucrado» seria «português técnico». Dias depois, um bloguista retomava o tema, e aventava ter-se dado ali uma fusão de «envolvido» com «encalacrado». Um comentador do blogue, não menos matreiro, propunha para «envolucrar» (*sic*) a etimologia «envolver» e «lucrar». Era a inventiva maledicência nacional no seu melhor.

Um pormenor importa realçar no episódio: a desinibição, a absoluta naturalidade, com que o antigo internacional se serviu de um vocábulo inexistente no seu idioma materno. Na gravação percebe-se que a palavra «involucrado» não é precedida nem seguida de alguma hesitação, não é sublinhada, não implica qualquer subentendido. Surge como se pertencesse, desde sempre, ao léxico do declarante e dos ouvintes. O registo desta naturalidade é, aqui, essencial.

Não foi, ainda assim, Luís Figo o primeiro português a servir-se desse inaudito «involucrado». Em finais do século XIX, Fialho de Almeida utilizara o termo na série satírica *Os Gatos*, com um à vontade em tudo semelhante. Foi aliás este castigado estilista a introduzir entre nós um bom número de espanholismos. Conhece-se o apego de Fialho ao espanhol («A língua espanhola tem para mim um prestígio e uma música que me não canso de ouvir e de gostar») e à literatura espanhola sua contemporânea. Poderá espantar-nos que um prosador tão acirradamente vernáculo, como foi Fialho, se tenha entregado a este namoro. Mas é tudo menos estranho. Precisamente os nossos clássicos mais 'castiços' nacionalizaram numerosos castelhanismos. É um dos paradoxos da História do nosso idioma.

**A**través da linguagem desportiva, e mais precisamente do comentário futebolístico, vêm-se infiltrando, nos últimos anos, variadas expressões de origem espanhola. Pensemos em «rematar de primeira», «entrar a destempo», «ter mala pata». Há também esse curioso «estar a tope», 'estar na melhor forma'. Isto, quando a gente o entende. Por isso, é simpática a autotradução de José Peseiro ao declarar, acerca do Braga: «É importante estarmos a tope, estarmos no máximo.» Também o jogador Postiga se autotraduziu ao dizer, antes de um jogo com a Alemanha: «Temos

**ATRAVÉS DA LINGUAGEM DESPORTIVA**, E MAIS PRECISAMENTE DO COMENTÁRIO FUTEBOLÍSTICO, VÊM-SE INFILTRANDO, NOS ÚLTIMOS ANOS, VARIADAS EXPRESSÕES DE ORIGEM ESPANHOLA. PENSEMOS EM «REMATAR DE PRIMEIRA», «ENTRAR A DESTEMPO», «TER MALA PATA». HÁ TAMBÉM ESSE CURIOSO «ESTAR A TOPE», «ESTAR NA MELHOR FORMA». ISTO, QUANDO A GENTE O ENTENDE.

que estar a tope, temos que estar no nosso máximo.» Não o entendeu o *Público* de 28-05-2012, que assim transcreveu a declaração do avançado: «Temos de dar o máximo para ganhar, para estar no tope.» É um saboroso mal-entendido.

A expressão põe, de facto, à prova os meios de comunicação. Em meados de 2012, José Mourinho dizia, em Madrid, numa conferência de imprensa: «*Cristiano trabaja a tope, juega a tope.*» Nos subtítulos da RTP lia-se: «O Cristiano trabalha ao máximo, joga ao mais alto nível.» A SIC traduzia: «O Cristiano está a trabalhar ao máximo, a jogar no seu melhor.» E a TVI: «O Cristiano trabalha a um nível extraordinário, joga a um nível extraordinário.» Nada disto impede que *estar a tope* continue a ser usado, descontraidamente, por locutores e comentadores desportivos.

A apropriação de materiais espanhóis é, no nosso futebol, moeda corrente. Citem-se «caudal ofensivo», «caudal de jogo», «lanche de jogo», «antijogo» (entrada desleal), «cartolina» amarela ou vermelha, «autogolo», golo «à meia-volta», «plantel», «médio volante», «liguilha» (*play-off*) ou «remontada» (recuperação), que André Villas-Boas pronuncia, talvez com intenção, *rèmontada*. Há, ainda, os mais antigos «bandeirola», «golaço», «goleada» e «ponta de lança». E não se esqueça a «*ola humana*» que se ergue, sempre fascinante, das bancadas de um estádio.

Tudo leva a pensar que os profissionais da palavra desportiva se habituaram a ouvir e visionar desafios comentados em espanhol, donde retêm vocábulos e ditos que acharam particularmente felizes. O facto é que jamais passaria pela cabeça de um locutor ou comentador televisivo *espanhol* usar, com esta naturalidade, e sem especial motivo, uma designação portuguesa. Nada de muito novo, de resto. Na história das relações dos dois idiomas, sempre essa profunda assimetria foi nítida. É, aqui, indiferente o muito ou pouco êxito das importações, a maior ou menor felicidade das formas. Interessa o mecanismo: o espanhol criou, o português aproveitava, grato e leviano.

**É** um facto: a olhos portugueses, e no atinente a divertimentos, sempre Castela foi garantia de qualidade. Na música, no teatro e, muito particularmente, nos jogos, são numerosas as denominações que de lá nos chegaram.

São termos musicais provenientes do castelhano «fandango», «sarabanda», «sapateado», «charanga» e instrumentos como «castanhola», «pandeiro», «pandeireta», «realejo». Pertencem à escrita musical «copla», «refrão», «estribilho», «redondilha», «seguidilha», «endecha», «vilancete», «vilancico» e «xácará». O âmbito do

teatro perfilhou castelhanismos como «bastidor», «tablado», «pallanque», «plateia», tipos de peças como «entremez» e «sainete» (que guardou o sentido de 'graça', 'jeito') e ainda «mascarilha». Da língua de Castela deriva igualmente «camarote», que primeiro significou 'cabine de beliches' e se generalizou como 'compartimento para espectadores'.

Em matéria de recreação, vieram-nos «entretenimento», «temporada», «verbena» (tipo de arraial), «tertúlia» e, também pelo espanhol, os dois italianismos «festejo» e «festim». Caso notável é «sarau», surgido timidamente no português por volta de 1520, mas em Castela já muito em voga, escrito *sarauo*, com as variantes *serao* e *serau*. Trata-se, na realidade, do antiquíssimo galego-português *serão* (de três sílabas, como o original latino *seranu*), que designava, como ainda hoje, o período inicial da noite, e que o castelhano quinhentista fez seu para festividades a horas tardias.

O português «sarau» é, pois, um vocábulo de torna-viagem. Teve bastante uso em *Fastigínia*, obra de Tomé Pinheiro da Veiga, um português que, em 1605, participou, em Valhadolide, nos longos festejos pelo nascimento de um herdeiro do trono espanhol e, naquele momento, também do português. É um livro delicioso. A capacidade de observação de Pinheiro da Veiga, a colorida e lúdica descrição de ambientes, o à vontade e humor do relato, o olhar crítico mas solidário que lança sobre atitudes e costumes, tudo faz de *Fastigínia* (magnificamente reeditada por Ernesto Rodrigues) uma festa do espírito e do idioma. Lê-se nele o fascínio português por essa cultura vizinha, mas tão radicalmente outra, feita de teatralidade, desmesura e talento exibicionista. Há um imenso deslumbre por esse povo que, sendo culto, sabe como nenhum outro divertir-se, e por isso é sociável e comunicativo até aos rebordos da inconveniência. Jamais um livro português retratou tão bem essa Espanha buliçosa das praças ao cair da tarde e semanas inteiras de folguedos, eterna sedução deste nosso melancólico e sisudo país.

**E**m qualquer tasca portuguesa, não imagina um jogador de sueca quanto vocabulário espanhol lhe voa sobre a mesa. Há primeiro o «baralho» (que já foi «baralha») com quatro «naipes»: os «ouros», as «copas», as «espadas» e os «paus». Deu-se aqui, importa dizer, algum rebuliço semântico. *Naipes* eram (e são) em espanhol as próprias cartas do jogo. Ao que chamámos «naipes» chamam os espanhóis *palos*. Como se percebe, estes *palos* acabaram num dos nossos «naipes», o de «paus», que em espanhol são *bastos*. Também destes nos ficou alguma coisa: o «basto», o ás de paus



no jogo do «voltarete» (do espanhol *voltereta*, cambalhota), que faz pensar na «espadilha», o ás de espadas. Mas o próprio «ás» nos chegou do espanhol, tal como chegaram «trunfo» e «trunfar», tal como «vaza» (inicialmente do italiano), tal como «canasta».

O idioma de Castela proporcionou-nos também «aposta», «empate», «truque» (e os correspondentes verbos), «jogos de azar», «jogos bancados», o «doble» e o «dado» (inicialmente do árabe), e ainda termos de menor uso, como «descarte» (as cartas postas de lado) ou «codilho» (forma de perder a partida). Caso curioso é o de «mirão», cópia de *mirón*, esse discreto cavalheiro que, habitualmente de pé, segue o andamento de um jogo de mesa. Cúmulo da inventividade: ao plural espanhol *mirones* foi o português buscar «mirone», esse soturno espectador da desgraça alheia. Particular interesse tem ainda «joguete», adaptação de *juguete*, que tomou todos os valores castelhanos: o de «brinquedo», de «gracejo» e por fim o de «vítima submissa», «pau-mandado», o valor hoje mais em voga.

Paredes meias com estas lúdicas e recomendáveis práticas, vive o mundo tauromáquico, linguisticamente um feudo castelhano. Praticamente toda a terminologia taurina é decalcada do espanhol. Basta lembrar a série «tourear», «toureio», «tourada», «toureiro», «toureador». Ou «ganadaria» e «ganadeiro». Mais frequente é o uso do espanhol puro e duro: *diestro*, *doblazo*, *faena*, *farpa*, *fiereza*, *hechuras*, *quiebro*, *quite*, *revolena*, *recorrido* (o 'percurso'), *ser-tanazo*, *templar*, *trapío* (de *trapío*, galhardia). Não faltam os decalques fráscos, como «romper praça», «chegar ao vulto», «sorte de varas», «em ares de escola», «traje de luzes», «citar o touro», «sair aos tércios» ou a simples «corrida de touros». Tudo isto, somado à música, indumentária e cerimonial importados de Espanha, faz da toureação portuguesa – com o pretexto de 'desporto', mais o sofrimento gratuito do animal – um estranho enclave cultural espanhol.

**N**a última LER de 2012, na coluna «Língua Movediça», procurei mostrar como, na nossa linguagem do desporto, o espanhol *ilusión*, que significa 'esperança', 'sonho', 'fé', 'ambição', vem contaminando o seu correspondente português. Retomo dois ou três episódios exemplares.

Num jogo de Portugal com a República Checa, no Europeu de 2012, um locutor da RTP dizia: «Tudo em aberto ao intervalo. Mantém-se a expectativa, a ilusão.» Um treinador, de viagem com a equipa para um jogo internacional, despedia-se assim à TVI: «Partimos com a ilusão de fazer o melhor na Champions.»

E o frustrado concurso de Portugal e Espanha para a organização do Mundial de 2018 valia-se da frase publicitária «*Jugamos en equipo*. Une-nos a ilusão.» Este último caso comprovou, dolorosamente, o servilismo português. Ninguém fez o mais ligeiro reparo ao desatino, que esteve legível, semana após semana, nos ecrãs da televisão.

Claro: é quase impossível ver um programa familiar espanhol ou ouvir uma declaração de desportista de língua espanhola sem uma confissão de *ilusión* (e há sempre um panorama *ilusionante*, ou algo que *ilusiona* a este ou àquele). Jogadores e técnicos portugueses vivem expostos a este assédio linguístico, e entende-se que isto os condicione. De outros círculos esperava-se, ainda assim, algum sentido crítico. Luís Figo poderá dizer, na apresentação de uma iniciativa estimuladora de futuros desportistas: «Tenho a ilusão de fazer o melhor possível e espero que os jovens gostem.» Mas o jornal *Record* não deveria reproduzi-lo sem um ai. Em Espanha, El Corte Inglés pode festejar a reabertura das aulas com o slogan «*El regreso a la ilusión*». Mas as filiais portuguesas fazem figura de parvas ao engalanarem, num *spot* televisivo, com «O regresso à ilusão».

Este seguidismo acrítico está longe de ser pontual. Ao longo de toda a história do nosso idioma deu-se este acomodamento, aqui razoável, ali papalvo, às criações castelhanas. O português, por princípio, não rejeita. Tem, antes, essa capacidade estonteante de absorver, digerir, integrar. A rejeição que dizemos ter pelo galicismo ou pelo anglicismo foi sempre fogo de vista. Vivemos na leviana convicção duma identidade a toda a prova, tipo «não há mal que nos chegue», e isso inspira-nos essa permissividade eufórica.

Mas não será o próprio inglês um exemplo de alegre absorção? Sem dúvida. Só que aí há uma também alegre reciprocidade. O inglês integra muitos materiais a ele exteriores, outras línguas tiram proveito das criações dele. No caso do português e do espanhol, a assimetria da relação foi sempre gritante, mas também, deve dizer-se, sempre patrioticamente camuflada, não fossem os outros, e até nós mesmos, apanhar um grande susto.

Séculos a fio, aprendemos a divertir-nos à espanhola. Havia, decerto, jogos e divertimentos nacionais, castos e singelos. Mas a diversão a sério, com muito *salero* e garantido *domaire*, chegou-nos sempre de Espanha, com as suas regras, os seus hábitos, os seus nomes.

Os ensaístas da cultura têm, nisto, farto material para sondarem a alma portuguesa. E para, provavelmente, se assustarem.